O que os americanos comem

Hábitos de consumo nos EUA apontam as oportunidades para o agronegócio brasileiro

ELISIO CONTINI



O crescimento econômico é um imperativo para o Brasil, por sua contribuição para a geração de renda e emprego, atendimento às demandas sociais e equilíbrio das contas públicas. Nesse processo, a exportação é um instrumento importante, como comprova o desenvolvimento ocorrido no Sul da Ásia nas últimas décadas. Antes de concorrer com o mercado interno, as vendas para o exterior criam renda, possibilitam a ampliação do consumo interno e contribuem na importação de insumos fundamentais e de tecnologia para aumentar a produção.

O agronegócio brasileiro revela vocação exportadora, haja vista os seus crescentes superávits comerciais. Nem por isso, o setor deixou de abastecer o mercado interno, inclusive em alimentos básicos. Explorar o potencial de exportação exige conhecimento da demanda efetiva e potencial. Conhecer as tendências de consumo dos mercados que se deseja atingir é crucial. Para exportar para os Estados Unidos, é útil saber como come e como evolui o hábito alimentar da sua população.

Para dimensionar o consumo atual de alimentos e sua evolução, utilizam-se dados do Economic Research Service do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, estimado a partir da quantidade disponível de produtos brutos ou semi-elaborados que compõem o alimento final.

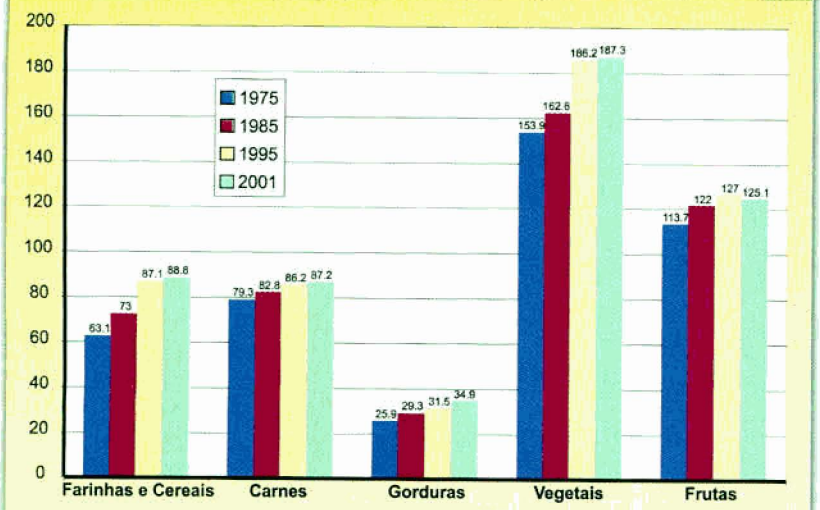
A quantidade de alimento disponível é calculada como a diferença entre a oferta de produtos disponíveis (soma da produção, importação e estoques iniciais) e não alimentos e outros usos (exportação, estoques finais no ano, sementes, alimentação animal e consumo industrial). O consumo per capita é calculado pela divisão da oferta de alimentos disponível pela população residente nos EUA e mais as Forças Armadas no exterior no dia 1 de julho de cada ano.

Os dados primários são apresentados em libras (0,45359 gramas) ou em galões (3,8 litros) e transformados em quilogramas e litros no presente trabalho. Para estimar o consumo per capita, o ERS utiliza o conceito de peso secundário do produto, em que se eliminam as perdas no processo. Por exemplo, na estima do consumo de carnes utilizam-se fatores de conversão que permitem eliminar as perdas do peso da carcaça para a venda ao varejo (perdas de 30%). Por isso, os dados do ERS não são comparáveis com as estatísticas da FAO, principal-

Números dos EUA

- **População**
  - 285 milhões de pessoas em 2001
  - 308,6 milhões previsto para 2010
  - 397,1 milhões previsto para 2050, segundo dados FAO (2003)
- **Produto Interno Bruto (PIB)** superior a US$ 10 trilhões
- **Renda per capita** supera os US$ 35 mil/ano
- **Importação** de US$ 1,2 trilhão, quase 12% do PIB

Consumo de Alimentos nos Estados Unidos
(em kg por pessoa/ano)



Fonte: Dados Brutos - ERS - USDA

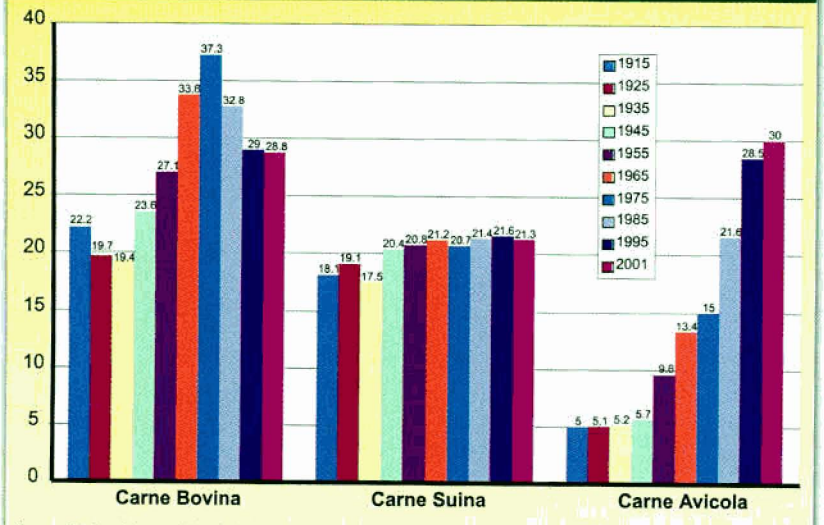
mente quando há perdas grandes no processo de transformação. A base de dados do ERS é rica, com informações anuais desde 1909 para aproximadamente 300 produtos. Inclui ainda informações sobre população, nutrientes de alimentos ofertados, preços e gastos relacionados ao consumo de alimentos.

O consumo per capita de farinhas e cereais baixou de forma continuada da década 1911-20 até 1971-80. A partir daí, a tendência de baixa inverte. A farinha de trigo é a mais consumida, seguindo-se produtos de milho e arroz. Os valores são insignificantes nos demais produtos.

Em carnes, o consumo per capita apresenta pequenas baixas em 1921-30 e 1931-40, mas a partir dos anos 40 começa a aumentar de forma continuada. O item gorduras também apresenta um crescimento continuado. A média de consumo de vegetais, da década de 1971-80 para 1991-2000, teve crescimento. O consumo de frutas também aumentou nos últimos 30 anos.

Naturalmente, o crescimento no consumo de frutas e vegetais deve estar relacionado com as novas descobertas da nutrição e saúde. Mas o crescimento da renda disponível e o envelhecimento da população são variáveis importantes para explicar em parte a mudança de comportamento no consumo.

Consumo de Carnes nos EUA
(em kg/per capita/ano)



Fonte: Dados Brutos: ERS-USDA

A grande revolução no consumo de carnes nos EUA foi o crescimento no consumo de carne de aves, como ocorreu aliás em outros países. Em duas décadas (1980 e 1990), o índice dobrou e superou o consumo de carne bovina

Tipos de carnes

O ERS dispõe de informações de 1909 a 2001. Adota-se a mesma metodologia utilizada para os grandes agregados, isto é, estabelece-se uma média para cada década, centrando-se o valor no ano intermediário. Na categoria de carne bovina, inclui-se a de vitela, de pouca expressão, principalmente nos últimos anos. As carnes de aves compreendem as de peru e frango. Os dados referem-se ao consumo de carne sem osso.

A partir da década 1921-1930, o consumo de carne bovina passa a crescer até atingir o pico na década de 1970. Na década 1990-2001, o consumo voltou a cair abaixo de 30 kg.

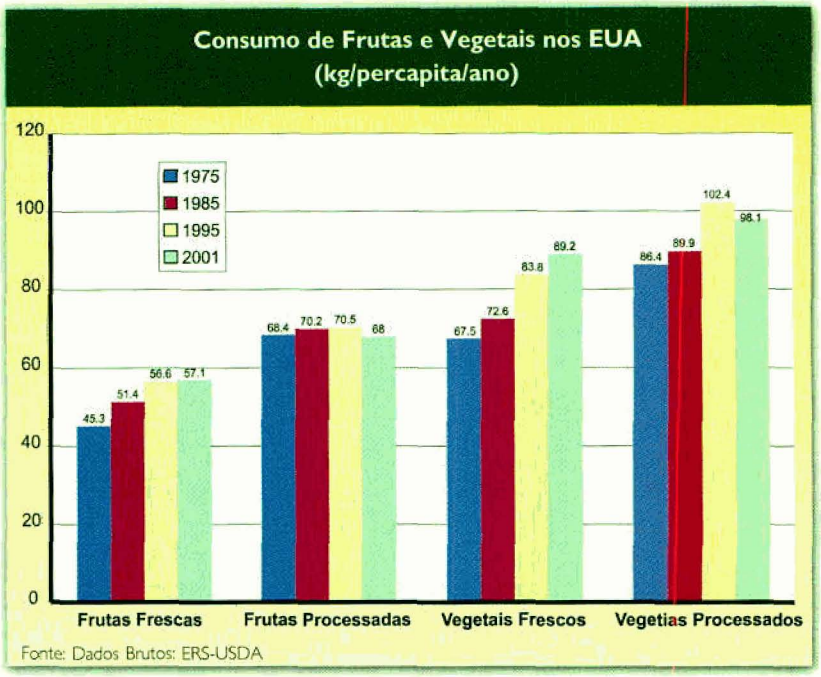
Existem várias hipóteses para explicar essa queda. A mais plausível refere-se a uma saturação no consumo de carne bovina ou sua substituição por outros tipos de carnes, como a de frango. Dados recentes confirmam que não há espaço para crescimento no consumo per capita. No cômputo geral, o consumo poderá se manter mais ou menos estável, já que a população total continua a crescer no país.

Para o Brasil conquistar parte do mercado dos EUA, terá de deslocar outros competidores ou substituir a própria produção americana. Com preços competitivos e produtos de comprovada qua-

lidade, o Brasil poderá ocupar espaços no mercado americano. Há a questão do protecionismo e o gargalo da logística nas exportações brasileiras. Competência econômica e negociações são ingredientes básicos nas operações comerciais.

O consumo per capita de carne suína estabilizou-se desde a década de 1940. Não há motivos para esperar grandes alterações nos próximos anos. Para as exportações do Brasil, há dúvidas de que esse mercado venha a ser promissor.

A grande revolução no consumo de carnes nos EUA foi o crescimento no consumo de carne de aves, como ocorreu aliás em outros países. Em duas décadas (1980 e 1990), o índice dobrou e superou o consumo de carne bovina. Não há indicações ainda de saturação, embora as taxas de crescimento possam ser mais modestas para os próximos anos. É um mercado promissor para as exportações brasileiras, quer em termos de cortes especiais ou de produtos diferenciados como o peru.



Vale acrescentar comentários sobre o pescado e a carne de ovelha. O consumo per capita de pescado permaneceu praticamente inalterado de 1909 a 1980. Nas décadas de 1980 ao ano 2001, o consumo cresceu, devido às indicações de saúde que o produto leva. O consumo de carne de ovelha não tem sido expressivo e decresce desde a década 50. Parece ser um produto marginal no gosto dos consumidores americanos.

Frutas e verduras

Tanto nas frutas como nos vegetais, o volume consumido de forma processada supera os de frescos. No caso de frutas processadas, o consumo per capita parece ter se estabilizado, enquanto o consumo de frutas frescas continua a crescer. O consumo de vegetais frescos e também processados continua a crescer, embora o processado tenha decrescido em 2001 em relação à média da década de 1990.

Principalmente para frutas, o consumo é crescente em termos per capita, provavelmente motivado pelo apelo especial às questões de saúde. Há um grande potencial para as frutas brasileiras que podem aportar aquele mercado em período de entressafra, pelo aumento do consumo per capita e pelo aumento da população no país.

É preciso chamar a atenção para alguns aspectos, como a evolução e mudanças nos hábitos alimentares dos habitantes dos EUA, o potencial de mercado que representa aquele país para o agronegócio brasileiro e os produtos em que o Brasil poderá tirar vantagens no comércio, caso de carnes e frutas, por exemplo.

As recentes negociações para a constituição de um mercado único nas Américas (ALCA) deve ser vista mais como oportunidade do que como ameaça. Naturalmente que para concretizar vantagens competitivas que temos em negócios concretos que beneficiem o país, é preciso negociar com competência. Os excluídos serão sempre os grandes perdedores. ■

Comida hispânica rende US$ 26,5 bilhões por ano

Impulsionado por um crescimento recorde de imigração nos últimos 15 anos, o mercado de comida hispânica nos EUA está em franca ascensão. Em 2002, os 32 milhões de consumidores de origem hispânica que moram nos EUA gastaram mais do que os 100 milhões de habitantes no México e até mesmo mais que os 170 milhões no Brasil, segundo pesquisa da Infoaméricas. Considerando a comida consumida fora de casa, os hispânicos gastaram US$ 26,5 bilhões.

A gastronomia hispânica não se restringe aos latinos. Também os americanos se renderam ao sabor dos tacos, quesadillas, salsa, frijoles e tequila.

Esta tendência abre oportunidades de negócios para fornecedores de alimentos e de bebidas da América Latina. O domínio do mercado ainda é dos mexicanos. Estima-se que 60% dos hispânicos dos EUA têm suas raízes no México. Mas novos sabores vem ganhando terreno no território americano: colombianos,cubanos e haitianos em Miami; salvadorenhos em Washington; brasileiros em Boston; nicaragüenses e guatemaltecos em Los Angeles; dominicanos em Nova Iorque.

A população hispânica dos EUA está crescendo 9,5 vezes mais rápido do que a população não-hispânica. Calcula-se que os hispânicos representarão 60% do crescimento da população do país entre os anos 1990 e 2007. (*Bruno Blecher*)

Referências

• CONTINI, E. Velha Europa, Novos Alimentos. Revista Agroanalysis. FGV, Rio de Janeiro, Abril de 2003. p 41-42.

• EAAE. Exploring Diversity in the European Agri-Food System. X Congress fo the European Association of Agricultural Economists. Zaragoza, Spain, ag. 2003. CDROM.

• ERS-USDA. www.ers.usda.gov/Data/FoodConsumption. (nov. 2003).

ELISIO CONTINI *é pesquisador da Embrapa e Coordenador do Labex França em Montpellier. E-mail: contini@agropolis.fr*